

**A BASE SOCIOECONÔMICA DO MOVIMENTO SANTA CATARINA PELA
EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE À LUZ DA PERSPECTIVA DIALÉTICA**

***THE SOCIOECONOMIC BASE OF THE SANTA CATARINA MOVEMENT FOR
EDUCATION: AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF THE DIALECTIC PERSPECTIVE***

***LA BASE SOCIOECONÓMICA DEL MOVIMIENTO POR LA EDUCACIÓN DE
SANTA CATARINA: UN ANÁLISIS A LA LUZ DE LA PERSPECTIVA DIALÉCTICA***

Fabício Spricigo

fabiciospri@hotmail.com

Doutor em Educação – Políticas Educacionais (UDESC)
Pedagogo no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Lourival José Martins Filho

lourivalfaed@gmail.com

Pós-Doutor em Educação e Humanidades (PUC-PR)
Professor Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Bolsista em produtividade de pesquisa CNPq - Nível 2

RESUMO

O estudo aborda os principais aspectos fenomênicos apontados como justificativa para a realização do Movimento Santa Catarina pela Educação (MSCE), liderado pela Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC). Na última década, o movimento vem desenvolvendo ações que privilegiam a agenda empresarial na educação catarinense face às reestruturações da chamada economia global 4.0. Tem por objeto analisar a dimensão socioeconômica do MSCE, buscando desvelar a retórica apregoada em seu interior. O estudo, de natureza documental e bibliográfica, adota como procedimento metodológico a seleção e transcrição de audiovisuais (reportagens, entrevistas, palestras e eventos) disponibilizados no canal oficial da FIESC na plataforma YouTube, bem como estudo de documentos presentes no site do MSCE no período 2012-2021. Com fundamento na perspectiva histórico-dialética, a partir da qual o conhecimento tem na aparência o seu ponto de partida (NETTO, 2002), uma vez que a expressão fática nos mostra, sinaliza e revela, mas também esconde e oculta, conclui-se que as relações entre o público e o privado na educação possuem muitas facetas e configurações, sendo gestadas por sujeitos (individuais e coletivos) cada vez mais articulados em redes locais e/ou globais com diferentes níveis de influência e abrangência.

Palavras-chave: Educação. Santa Catarina. Economia. Agenda empresarial.

ABSTRACT

The study addresses the main phenomenal aspects pointed out as justification for the implementation of the Santa Catarina Movement for Education (MSCE), led by the Federation of Industries of the State of Santa Catarina (FIESC). In the last decade, the movement has been developing actions that favor the business agenda in education in Santa Catarina in the face of the restructuring of the so-called 4.0 global economy. Its purpose is to analyze the socioeconomic dimension of the MSCE, seeking to reveal the rhetoric proclaimed within it. The study, of a documentary and bibliographical nature, adopts as a methodological procedure the selection and transcription of audiovisual materials (reports, interviews, lectures and events) made available on the official FIESC channel on the YouTube platform, as well as the study of documents present on the MSCE website in the period 2012-2021. Based on the historical-dialectical perspective, from which knowledge has its starting point in appearance (NETTO, 2002), since the phatic expression shows, signals and reveals, but also hides and hides, it is concluded that the relations between the public and the private in education have many facets and configurations, being managed by subjects (individual and collective) increasingly articulated in local and/or global networks with different levels of influence and scope.

Keywords: Education. Santa Catarina. Economy. Business schedule.

RESUMEN

El estudio aborda los principales aspectos fenoménicos señalados como justificación para la implementación del Movimiento Catarinense por la Educación (MSCE), liderado por la Federación de las Industrias del Estado de Santa Catarina (FIESC). En la última década, el movimiento viene desarrollando acciones que favorecen la agenda empresarial en la educación en Santa Catarina frente a la reestructuración de la llamada economía global 4.0. Su propósito es analizar la dimensión socioeconómica del MSCE, buscando develar la retórica que en él se proclama. El estudio, de carácter documental y bibliográfico, adopta como procedimiento metodológico la selección y transcripción de materiales audiovisuales (reportajes, entrevistas, conferencias y eventos) puestos a disposición en el canal oficial del FIESC en la plataforma Youtube, así como el estudio de documentos presentes en la web del MSCE en el periodo 2012-2021. A partir de la perspectiva histórico-dialéctica, desde la cual el conocimiento tiene su punto de partida en la aparición (NETTO, 2002), ya que la expresión fáctica muestra, señala y revela, pero también oculta y oculta, se concluye que las relaciones entre el público y el privados en la educación tienen múltiples facetas y configuraciones, siendo gestionados por sujetos (individuales y colectivos) cada vez más articulados en redes locales y/o globales con diferentes niveles de influencia y alcance.

Palabras clave: Educación. Santa Catarina. Economía. Agenda de negocios.

INTRODUÇÃO

Na última década do século XXI, por meio de uma agenda articulada do segmento empresarial catarinense para propagar seus valores, cria-se o Movimento Santa Catarina pela Educação (MSCE) sob liderança da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC). Iniciado em 2012, o movimento surge com a finalidade de estimular a indústria a investir na qualificação focada no mercado, e ter todo trabalhador com educação básica completa até 2024.

A cada ano, o movimento apresenta um tema norteador central: em 2012/2013, o foco foi a mobilização da indústria e empresários para serem signatários do projeto; em 2014, a família foi o tema central; em 2015, a temática dos jovens ganhou destaque; em 2016, a ênfase das ações se concentrou na gestão escolar; em 2017, ganha notoriedade a temática dos professores; em 2018, os esforços giraram em torno da educação integral. No ano de 2019, a temática trabalhada foi a educação profissional e, no período 2020-2022, houve um reposicionamento do movimento, passando a focar suas ações na qualificação de profissionais desligados para a reinserção no mercado de trabalho, especialmente em função da pandemia do coronavírus.

No decorrer deste estudo, por meio do levantamento das principais ações desenvolvidas no contexto do MSCE, procuramos sistematizar as relações sociais e econômicas registradas em seu interior. Para tanto, são apresentados os argumentos apontados pelo setor empresarial para a emergência do Movimento Santa Catarina pela Educação. O objetivo central é analisar o cenário socioeconômico difundido por seus apoiadores, a fim de compreender algumas determinações que implicam sua análise concreta. (KOSIK, 2002). Busca-se desvelar o arcabouço demandado pelos intelectuais do MSCE para transformar a educação catarinense.

Cumpramos registrar que os intelectuais orgânicos do segmento empresarial atuam para fomentar no tecido social valores que, alinhados à intensificação da produtividade tecnológica, buscam mudanças na educação. Nesse cenário, conforme afirma Fontes

(2010), toda a vida social é envolvida, uma relação sistêmica que inclui ao mesmo tempo a reestruturação do “mundo do trabalho” e as exigências impostas à educação.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Como roteiro e procedimentos adotados durante este estudo, de caráter documental e bibliográfico, organizou-se a empiria sobre o Movimento Santa Catarina pela Educação para posterior análise. Para tanto, selecionamos e transcrevemos audiovisuais (contendo reportagens, entrevistas, palestras e divulgação de eventos) disponibilizados no canal oficial da FIESC na plataforma *YouTube*. O canal possuía, até 10 de dezembro de 2020, 4.418 vídeos. Dentre eles, elegemos 16 considerados emblemáticos na apresentação e difusão da dimensão socioeconômica do Movimento Santa Catarina pela Educação.

Além disso, selecionamos e realizamos *download* de materiais/documentos, todos disponibilizados no site do MSCE no período 2012-2021. Em um primeiro momento, arquivamos os materiais em pastas específicas no microcomputador pessoal conforme sua tipologia. Como fontes primárias, os documentos ainda não tinham passado por análise e revisão acadêmica. A esse respeito, concordamos com Freitas (2018) quando afirma que é fundamental estarmos atentos à produção massiva de relatórios prescritivos pelas entidades empresariais. Para ele, é papel das universidades e centros de pesquisa submeter incessantemente tais documentos à análise de seus fundamentos teórico-metodológicos para legitimá-los ou não.

Cabe registrar que o presente estudo está ancorado no método histórico-dialético (FRIGOTTO, 2010; NETTO, 2002). A partir da seleção e transcrição de audiovisuais (reportagens, entrevistas, palestras e eventos) disponibilizados no canal oficial da FIESC na plataforma *YouTube*, bem como estudo de documentos presentes no site do MSCE no período 2012-2021, esse método norteou a análise e exposição dos argumentos, possibilitando a discussão dos principais conceitos e categorias estruturantes, a saber: relação público-privada, tecnologias 4.0, produtividade, competitividade, mercado internacional. O *software NVivo* foi escolhido como apoio

para organização e classificação das fontes durante a fase de coleta dos dados empíricos. Tal recurso tecnológico não substitui o trabalho do pesquisador no movimento analítico, mas contribui para estruturar as informações de acordo com os objetivos estabelecidos.

A BASE SOCIOECONÔMICO DO MSCE: ASPECTOS FENÔMENICOS EM DESTAQUE

O objetivo desta seção é explicitar os fundamentos socioeconômicos que sustentam ideologicamente o Movimento Santa Catarina pela Educação (MSCE). No tocante à ideologia, Chauí (2008) explica que ela é por definição um instrumento de dominação, cuja origem está na existência da divisão de classes na sociedade. Nessa esteira, o processo ideológico procura ocultar as injustiças e exclusão social, transformando os ideais do grupo econômico dominante em ideias universais válidas para toda a sociedade.

Partimos do pressuposto que o conhecimento tem na aparência o seu ponto de partida. (NETTO, 2002). Assim, durante a pesquisa documental realizada neste estudo, predominou o esforço em descobrir as principais categorias que sintetizam a base socioeconômica do MSCE. Um processo dialético de buscar, conhecer e construir conhecimento considerando as aproximações da totalidade concreta, com suas contradições e mediações. (FRIGOTTO, 2010).

Nesse contexto, importante frisar que o capitalismo financeiro vem transformando cada vez mais o perfil das grandes corporações, tornando-as locais altamente competitivos que combinam capitais de diversas origens (industrial, serviços, comércio, bancos, fundos, etc.) com fomento em grande escala da produção de valor. Com efeito, a concentração de capitais encontra-se intimamente entrelaçada. Como consequência desse caráter expansionista, a pressão competitiva entre as grandes massas monetárias visa a garantir sua reprodução a partir de novas formas de concentração. Essa característica acirrada se evidencia nas reestruturações, com a justificativa de melhoria da “saúde” de empresas ao passo que ocorrem demissões em massa. (FONTES, 2010).

Considerando tal dinâmica, as empresas locais (afetadas com a concentração do capital monetário internacional) com a participação do Estado e a partir de suas bases, buscam competir no acirrado mercado global de capitais. Logo, compreender a dimensão socioeconômica do Movimento Santa Catarina pela Educação (MSCE) implica não perdermos o vínculo com a base da vida real, permeada por aspectos objetivos e subjetivos.

Mundo do trabalho, Educação e Desenvolvimento Econômico

Fazendo valer a ideologia do grupo ao qual pertence, Viviane Senna (empresária e presidente do Instituto que leva o nome do irmão Ayrton Senna) em entrevista no âmbito do Movimento Santa Catarina pela Educação (durante a 7ª Jornada Inovação e Competitividade da Indústria Catarinense) argumenta que o investimento em educação no Brasil teria aumentado substancialmente no século XXI. No entanto, segundo ela, o resultado da aprendizagem continuaria muito ruim em relação ao que precisaria atingir para preparar as pessoas a viver no século XXI. A empresária aponta, então, que seria necessário preparar as crianças, jovens, adultos e idosos para suprir as expectativas atuais e futuras do mercado e da sociedade, uma vez que muitas das profissões existentes na atualidade deixarão de existir ao passo que novas ocupações surgirão. (MOVIMENTO SC... 2017a; FIESC, 2018a).

Como se observa, é com esse tom eufemista que grande parte dos intelectuais orgânicos do MSCE - figuras reconhecidas nacionalmente como Cláudio de Moura Castro (economista), Roberto Castello Branco (economista), José Pastore (professor aposentado da Faculdade de Economia da USP), Mozart Neves Ramos (engenheiro, ex-presidente do CNE), Viviane Senna (empresária), Roberto Lent (médico e neurocientista vinculado à Rede Nacional Ciência pela Educação) e Priscila Cruz (mestre em administração, presidente executiva do Todos pela Educação) - costumam seu projeto educativo. Por meio de uma linguagem factual e empírica, suavizam e naturalizam a luta pela sobrevivência em um mundo marcado por injustiças e desigualdades, sem questionamento do *modus operandi* que produz essa realidade.

A seguir, trazemos à luz argumentos apresentados que simbolizam a visão pretensamente neutra dos “mercadores da educação”. Porém, importante registrar que tal retórica é apenas aparência do fenômeno, a “casca da maçã”.

Seguindo a mesma linha de naturalização, o ex-presidente da FIESC, Glauco José Côrte, argumenta que, no presente, estuda-se para conseguir uma profissão segura durante a vida inteira. Porém, no futuro, será necessário estudar a vida inteira para manter-se profissionalmente ativo. (FIESC, 2017e). Para embasar sua fala, enfatiza: “30% dos empregos atuais não existiam dez anos atrás e 65% das crianças que se encontram nos primeiros anos de escola trabalharão em ocupações que ainda não existem. Isso significa que muitas das atuais atividades deixarão de existir e outras serão criadas”. (CÔRTE, 2018b, p. 19).

Com a mesma perspectiva, Rodrigo Pimentel, ex-diretor do *Google Brasil*, afirma ser importante preparar os estudantes para as ocupações que existirão no futuro. (PIMENTEL, 2015). Nesse horizonte, seria preciso dar nova forma ao modelo educacional. Segundo a FIESC, haveria evidências de que muitos cursos já não atendem mais as necessidades do mercado, mas mesmo assim continuam em oferta.

Sobre os processos de mudanças atuais, Jefferson de Oliveira Gomes, ex-diretor do SENAC/SC, questiona em entrevista: como construir uma sociedade que ainda está presa às mesmas lógicas do passado, mesma estrutura de sala de aula? Segundo ele, durante o nosso percurso de vida nesse “novo” mundo, devemos ter de cinco a seis profissões diferentes. Em sua concepção, uma pessoa com 70 anos é quase inválida para a sociedade na atualidade. “Uma pessoa de 70 anos daqui a 20 anos será uma pessoa muito ativa. Hoje já é, mas daqui a 20 anos será muito ativa, principalmente em função desses novos medicamentos [...] que têm sido lançados”. (OS FRUTOS..., 2018).

Sobre a temática, no âmbito do MSCE, afirma-se que o bônus demográfico está chegando ao fim no país. Tal bonificação acontece quando há mais pessoas em idade ativa para o trabalho do que idosos e crianças. “No Brasil, as previsões apontam 2030 como a década em que os efeitos do bônus começariam a se dissipar [...] Precisamos,

portanto, valorizar a população ativa e torná-la cada vez mais produtiva”. (CÔRTE, 2018b, p. 34).

Como a taxa de natalidade vem caindo muito nos últimos anos, a quantidade de jovens apta ao trabalho será bem menor que a atual nas próximas décadas. Como resultado, o MSCE argumenta a necessidade de o trabalhador de hoje permanecer mais tempo na ativa, esticando a idade de sua aposentadoria. Em decorrência dessa condição, teríamos que manter a população em processo de formação permanente, estudando durante toda a vida para não se tornar obsoleta e manter-se empregável em um mundo altamente tecnológico. (MOVIMENTO..., 2017b).

O ex-presidente da FIESC, Glauco José Côrte, afirma que, no futuro, haverá menos pessoas em idade ativa disponíveis para o mercado. Portanto, seria necessário melhorar a escolaridade dos atuais empregados e dos jovens que chegarão ao mundo do trabalho. Segundo ele, um funcionário é mais produtivo se tiver maior treinamento e qualificação para o exercício de sua função, tornando a empresa mais competitiva. (GOOGLE..., 2015). Nessa perspectiva, seria preciso engajar as pessoas a criar um roteiro, ensiná-las a viver nessa nova realidade para que aprendam a programar e usar tais recursos para manipular melhor suas vidas. (OSFRUTOS..., 2018).

Para Côrte (2018b, p. 94), por meio da educação será possível alavancar “[...] uma transformação estrutural na indústria catarinense, tornando-a mais moderna, flexível, inovadora, enfim, competitiva”. Ele afirma haver uma intrínseca relação entre renda, desenvolvimento empresarial e social. Nesse sentido, considera importante dar destaque à conclusão da escolarização básica dos trabalhadores catarinenses, o que em sua visão exigirá uma articulação entre empresários, setor público e sociedade como um todo.

Para a FIESC, a eficiência do trabalhador possui relação direta com sua escolarização e qualificação. Na década de 1980, um empregado dos Estados Unidos produzia 60% a mais de riqueza se comparado a um trabalhador brasileiro. De acordo com o *The Conference Board*⁴, na atualidade esta relação aumentou para 74%. Ou seja, no Brasil, a produção no trabalho está muito aquém do que deveria ser. (FIESC, 2018a). Por esse motivo, “[...] a entidade fez uma clara opção pela educação como

fator-chave no alinhamento entre desenvolvimento econômico e social”. (CÔRTE, 2018b, p. 83).

Na mesma linha, o economista Roberto Castello Branco, 38º presidente da Petrobrás, em apresentação durante o Fórum Internacional de Educação realizado em 2015 pelo MSCE, assegura que as mudanças para a economia do futuro passarão pela reutilização dos “recursos humanos” atuais em setores que demandarão maior preparo tecnológico. A baixa escolaridade seria o maior empecilho para realizar “negócios” no país. Diante desse cenário, segundo o economista, será necessária uma austera agenda de ajustes contemplando reformas fiscais, previdenciárias, despolitização na administração pública, incluindo a privatização de empresas estatais. Além disso, reformar o sistema educacional. (BRANCO, 2015).

No contexto do MSCE, advoga-se pela educação como estratégia para superação das crises econômico-sociais. Aposta-se, desse modo, na redenção através da educação, com adaptação de trabalhadores e jovens ao mercado contemporâneo. Assim, teríamos uma nação mais preparada em termos competitivos, com chances de emprego e remuneração melhores. (MOVIMENTO..., 2017b).

Sobre os desafios da educação para o novo mercado de trabalho, Ramos (2013), argumenta que no ambiente dinâmico do século XXI o estudante atual terá entre 10 e 14 empregos até completar 38 anos, indicando a volatilidade do futuro do trabalho. Difunde-se, assim, a ideia de um ambiente de fluidez constante, onde muitas profissões do amanhã sequer foram criadas. Associa-se, ainda, o aumento da escolarização como condição para superar a desigualdade de renda no país.

Julga-se, superficialmente, que a educação custa muito e produz pouco, pois as empresas estariam com dificuldade em encontrar profissionais com formação adequada. (ABRHSC, 2015). Com o mesmo viés, Branco (2015, p. 02) declara que o “[...] governo reluta em diminuir o tamanho do Estado e [...] implementar um programa de ajuste”. Nessa esteira, Pastore (2018) registra que a educação é quase tudo quando falamos em produtividade e competitividade empresarial. Segundo ele, a produtividade brasileira estaria estagnada desde 1980, o que o faz questionar qual será o futuro do Brasil nesse modelo - em vias de esgotamento - caracterizado por:

vantagem demográfica chegando ao fim; peso da competição global; infraestrutura e habilidades (skills) insuficientes; dificuldade para consolidação da tecnologia 4.0 na indústria.

Entretanto, Bauman (2013), ao constatar as hostis transformações contemporâneas, argumenta o choque social sentido pelos jovens a partir da nova realidade. De acordo com o sociólogo, “[...] nada os preparou para a chegada do novo mundo inóspito e pouco atraente, o mundo das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas” (p. 45).

Em função disso, na atualidade, mais do que nunca, inicia-se o preparo do estudante (em diferentes faixas geracionais) para viver em um cenário de incertezas quanto ao presente e futuro. A educação escolar, nesse contexto, dado o seu caráter de alcance territorial, é vista como aliada indispensável para pôr em movimento a construção dessa nova sociabilidade, mais “resiliente” diante dos prováveis fracassos vindouros. Em um mundo austero, seria oportuno, então, desenvolver a flexibilidade (altos e baixos, estica e apertada, etc.) para equilibrar a balançada sobrevivência. Porém, segundo Bauman (2013), na contemporaneidade, “[...] toda a categoria dos diplomados enfrenta uma alta probabilidade, a quase certeza, de só obter empregos *ad hoc*, temporários, inseguros e em tempo parcial, pseudoempregos de ‘estagiários’ falsamente rebatizados de ‘treinamento’”. (p.45).

Tecnologia e transformações sociais

O contexto atual vem marcado por profundas mudanças na base tecnológica. Fato que desperta atenção das associações empresariais catarinenses que se veem impelidas a preparar “mão de obra” para as transformações em curso. Tais alterações, configuram-se como base para a organização do Movimento Santa Catarina pela Educação (MSCE). A esse respeito, Glauco José Côrte, ex-presidente da FIESC, afirma que será preciso preparar o setor produtivo para a chamada indústria 4.0 que vem adentrando com grande velocidade no Brasil. (MOVIMENTO...,2017a).

Em entrevista concedida no âmbito do MSCE em 2018, Jefferson de Oliveira Gomes, Diretor do Senai Santa Catarina (2015-2018), registra que a Indústria 4.0 é uma denominação criada na Alemanha para evidenciar uma quarta etapa do processo de desenvolvimento industrial, com o uso da conectividade para gerenciar um enorme volume de dados e informações, permitindo a aplicação de sensores para otimizar o trabalho das empresas. Está ligada à transformação comportamental da sociedade. Essa nova indústria, segundo ele, seria uma consequência da ampliação da expectativa de vida das pessoas. Pelo fato de se viver mais tempo, “[...] muda a relação com o desenvolvimento das tecnologias, muda a relação dos negócios”. (O QUE...., 2018).

Prossegue afirmando que “[...] o futuro já chegou faz tempo. 65% das profissões que serão ofertadas daqui a seis anos simplesmente não existem”. Desse modo, o universo da indústria 4.0 estaria buscando pessoas curiosas, conhecedoras de linguagem de programação. O ex-diretor do SENAI/SC argumenta que dois terços da população catarinense têm mais que 35 anos, dentre os quais é grande o percentual de analfabetos digitais. “Em termos práticos, a gente tem que *reformatar* todas essas pessoas. [...] Esse pessoal não está sendo reprogramado, reformado em coisas novas”. (O QUE...., 2018, n.p., grifo nosso).

Conforme evidenciado, constata-se o caráter de adaptação delegado à educação, cuja função seria a de tentar “moldar” novas consciências para o mundo tecnológico hiper conectado. Sobre a temática, na mesma roda de entrevista, Glauco Côrte discorreu que “[...] a base de qualquer transformação, a base da nova tecnologia, a base da inovação é a educação. Sem melhorar a qualidade da educação [...], o Brasil não terá condições de manter competitividade com os outros países. Este é o grande desafio”. (MOVIMENTO SC...., 2018, n.p.).

Sobre esse novo contexto da indústria 4.0, as principais economias mundiais já estariam debatendo sobre como desenvolver e preparar os indivíduos para sobreviver entre as mudanças disruptivas que se avizinham, na tentativa de estabelecer horizontes para a criação de um futuro compartilhado em um mundo que está/estará fraturado. (CÔRTE, 2018b).

Nesse horizonte, Ramos (2018) enaltece que seis em cada dez ocupações poderão ter boa parte de suas atividades substituídas pela automação, cenário que impactaria, até 2030, naperda de 400 milhões de empregos em todo o mundo. No Brasil, os cálculos estimam que mais 16 milhões de pessoas ficariam sem trabalho em função das transformações tecnológicas em curso. Para grande parte das empresas, a falta de “mão de obra competente” para lidar com as novas tecnologias serão uma grande ameaça para a economia brasileira.

Com o surgimento da indústria 4.0 - que engloba tecnologias como Internet das Coisas, *Big Data* e Inteligência Artificial para aumentar o processo produtivo - a preparação profissional será condição indispensável para o indivíduo se manter empregado. Para tanto, de acordo com o SENAI/SC, seria necessário criar novos cursos e revisar os existentes, alinhando- os às demandas e às características do jovem contemporâneo, uma vez que os conhecimentos, as “competências” e as profissões estão passando por rápida transformação. (FIESC, 2018a).

Segundo o MSCE, o aumento do teletrabalho, do comércio eletrônico e da automatização já seria uma tendência perceptível na sociedade de que as inovações tecnológicas já teriam alcançado todas as atividades. No campo, a agricultura e a pecuária já estariam elevando sua produtividade com o uso de tecnologias de precisão, genéticas, localização com drones e biotecnologia. Para a área de transportes, vislumbrar-se-ia, ainda, uma intensa modificação com a criação de automóveis autônomos, que não requerem condutores humanos.(FIESC, 2018a).

Todo esse avanço tecnológico estaria impondo novas “competências” formativas, aumentando diariamente as exigências de preparo para o trabalho em diferentes segmentos. Nessa acepção, as novas tecnologias aplicadas ao processo produtivo pleitearão o domínio de “competências” que se consolidariam com uma escolarização básica ajustada à qualificação profissional. Segundo a Confederação Nacional das Indústrias (2013), em 2025, grande parte dos trabalhadores precisarão fazer uso de tecnologias que ainda não surgiram. (CNI, 2013).

A revolução 4.0, segundo Pastore (2018), criará novas necessidades, colocando um novoritmo para os processos produtivos. Com as ondas de rupturas em curso e

seus impactos não lineares, a escola convencional não daria conta. Em sua visão, o ensino profissional se aproxima mais. Para ele, seria preciso avançar com a aprendizagem em serviço, tendo a participação das empresas em tal intento.

Como observam Alves, Gonçalves e Casulo (2020), o estágio atual de desenvolvimento impele a sociabilidade contemporânea a imergir no *tecnocapitalismo*, transformando profundamente a vida cotidiana e as mediações simbólicas que atuam no processo de (re) organização da cultura. Segundo Harvey (2018), existe uma grande inclinação em cultuar a tecnologia como resposta para todos os problemas. Contudo, ao passo que se transforma em um negócio, gera uma mercadoria como valor de troca (novos produtos ou formas de organização social) que necessita achar ou mesmo originar um novo mercado. Nesse processo, a educação aparece como a responsável pela formação e alinhamento social ao novo padrão *tecnoeconomicista*.

De olho no exterior: o espelho internacional como horizonte

De acordo com as divulgações do ranking Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), o Brasil ocupa constantemente as últimas posições entre os setenta países avaliados. A esse respeito, Carradore (2018), um dos líderes do MSCE, registra que a nação brasileira precisa ter como horizonte educacional países como Singapura, Finlândia, Hong Kong (China) e Japão, os quais aparecem repetidamente nas primeiras colocações das áreas de ciências, leitura e matemática. Para Côte (2018b), o excelente resultado de Singapura na educação não seria consequência de altos investimentos. Nessa acepção, afirma que o país “[...] investe 3% do PIB em Educação, cerca de US\$ 9,6 bilhões de dólares” (p. 42). Os professores do Singapura não teriam direito à estabilidade e o salário oscilaria entre um piso de US\$ 1.200 no início da carreira e um teto de US\$ 6.000 ao término de sua vida funcional. Além disso, só permaneceriam empregados os docentes com grande “aptidão” para motivar e preparar bem os estudantes, com obrigação de se atualizar continuamente. Ademais, registra que o governo de Singapura teria aproximado as empresas do universo

educativo, preparando os profissionais buscados pelo mercado de trabalho. Como resultado ao longo do tempo, o PIB de Singapura teria crescido cerca de 13%.

Para Côrte (2018b, p. 49-50) a educação naquele país, com “[...] o lema *‘Pensando a Escola, Aprendendo a Nação’*, traçado para o século XXI, forma estudantes [...] com alto poder de criatividade”. Por conceber tais características como positivas, a FIESC realizou missão internacional a Singapura em 2017, assinando termo de cooperação técnica para apoio em seus projetos na área da educação. (CARRADORE, 2018).

Outra missão internacional executada com a presença de representantes do MSCE foi para os Estados Unidos da América (EUA), onde foram cumpridos encontros na cidade de Boston com o Instituto de Tecnologia Massachusetts (IMT) e a Universidade de Harvard. Nas reuniões, ter-se-ia averiguado parcerias para a transferência de tecnologia à FIESC. Em depoimento, Glauco Côrte, declarou que “[...] a repercussão de cinco desses encontros iniciais foi muito boa [...]. Tivemos oportunidade de fazer uma apresentação sobre o Movimento Santa Catarina pela Educação em Boston e em Washington. (MOVIMENTO SC...., 2018).

Ciente da importância da visita técnica aos EUA e também a diferentes nações europeias para o debate sobre a quarta revolução industrial em Santa Catarina, Glauco Côrte, ex- presidente da FIESC, argumenta que a instituição, por meio do SENAI, já tem realizado ações para incentivar os empregadores a olharem para o novo mundo digital que está se abrindo, onde todas os instrumentos e aparelhos estarão conectados, o que demandará novos caminhos para a qualificação dos seres humanos. Segundo ele, será preciso uma transformação radical na educação para o futuro. (MOVIMENTO SC...., 2018).

Nesse contexto, atento às questões educacionais que emergem em países da América Latina, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), instituição financeira internacional com sede em Washington (Estados Unidos), estaria fortemente preocupado com a transição do jovem entre o Ensino Médio e o mercado de trabalho. Segundo estudo realizado pelo banco, as empresas estariam com dificuldades para

achar pessoas no Brasil com adequada “competência socioemocional”. (FIESC, 2018a).

No Brasil, estaríamos produzindo muita educação desconectada da produtividade, diferentemente de países como Chile, China e Malásia, fenômeno que deveria ser avaliado com bastante atenção, segundo a FIESC. O que confirmaria a relevância do MSCE, que foi apresentado a convite do BID, em Washington, com status de proposta exitosa na área educacional da América Latina. Porém, Côrte (2018b, p. 52) registra que “[...] é necessário ampliar, ainda mais, os esforços pela melhoria da qualidade da educação. É a chance que temos de nos aproximar das nações mais desenvolvidas. Mas só teremos sucesso se isso for uma verdadeira obsessão de todos os catarinenses”.

Com concepção de base análoga, Jefferson de Oliveira Gomes, ex-diretor do SENAI/SC, argumenta que o país precisa se espelhar no modelo externo de educação. Segundo ele, na Suécia, mais de 70% das pessoas se formam em cursos técnicos. Na Alemanha, o percentual seria de mais de 50% da população. (O QUE..., 2018). Assim, enquanto países desenvolvidos possuem boa parte dos jovens no ensino técnico, no Brasil, menos de 10% desse público se direciona à educação profissional. E o Ensino Médio no país estaria apenas preparando os jovens para entrar na universidade, não se preocupando com o mercado de trabalho. Um contrassenso na visão da FIESC, pois o percentual dos que ingressam na educação superior é baixo, cerca de 18% dos jovens entre 18 e 24 anos, o que mostraria a distância entre a escola e a vida. (FIESC, 2018a).

Nessa linha, Deschamps (2018), ex-presidente do Conselho Nacional de Educação, afirma que a educação brasileira tem se espelhado em modelos já executados internacionalmente ao estabelecer a Base Nacional Comum Curricular e a Reforma do Ensino Médio, iniciativas que, em sua visão, seriam importantes para o país avançar na área. (OS FRUTOS..., 2018).

Durante o Fórum Internacional de Educação realizado em Florianópolis no ano de 2015, a convite do MSCE, o palestrante Pasi Mattila falou sobre o sistema educacional de seu país (Finlândia) e o que tem atraído o interesse de diferentes

países. Dentre os motivos, além da recorrente liderança nos rankings de avaliação internacional, o que teria chamado a atenção da FIESC seria o fato de a educação ser socialmente valorizada na sociedade finlandesa, sendo considerada a chave para o futuro. O convidado finlandês afirmou que lá os estudantes são bem preparados para os estudos posteriores, para o trabalho futuro como para a vida em geral. O docente conta com a colaboração de instrutores nos locais de trabalho, acompanhando e pesquisando tendências futuras de mudança global. Pode ter à sua disposição, ainda, períodos de trabalho nas indústrias (um mês) para atualização de conhecimentos e capacitação em serviço. Há também um forte vínculo de trabalho em conjunto com institutos e redes regionais, avaliando-se as necessidades educativas por meio de pesquisas, entrevistas e análise de competências, a fim de criar programas de desenvolvimento estratégico junto às empresas. (KYLÖNEN, 2017).

Ainda com olhar voltado para o exterior, no fórum empresarial sobre educação e desenvolvimento econômico de 2017, traçou-se um comparativo entre as economias brasileira e sul-coreana. A esse respeito, argumentou-se que se o Brasil apresentasse as mesmas taxas de escolaridade do país asiático, seria 40% mais produtivo e 18% mais rico do que atualmente. Essas equações surgem sempre na tentativa de buscar um modo para alavancar a posição brasileira no ranking de competitividade mundial, pois o país ocupava a 81ª entre 138 países avaliados no ano de 2016, o que é um resultado ruim para a economia brasileira segundo os empresários. (FIESC, 2017d).

Dentre as consequências do posicionamento do Brasil no quesito competitividade, Branco (2015) declara que o fenômeno do baixo ou quase nulo crescimento do Produto Interno Brasileiro (PIB) dos últimos 35 anos contrasta com o de outros países emergentes como Chile, China e Coreia do Sul. Para reverter esse quadro, segundo Corte (2018b), o Brasil precisaria dar um grande passo rumo à implementação de reformas educacionais pautadas pela dinâmica internacional. Nessa perspectiva, para uma atuação mais articulada e estratégica no campo da educação, Meza (2016) apresenta, durante o Fórum Internacional de Educação promovido pelo MSCE, a informação de que já existe em seu país (Colômbia) um

sistema informatizado¹ que sonda as verbas público-privadas aplicadas em educação, sinalizando para as parcerias com possibilidade de serem mais oportunas e com capacidade de gerar mais valor.

Conforme mostrado, as transformações da educação, pensadas pela via reformista do Movimento Santa Catarina pela Educação, são pautadas pela reprodução de modelos externos, especialmente de países muito diferentes do Brasil, tanto em termos populacionais como de desenvolvimento. Singapura e Finlândia, por exemplo, são países que correspondem à população de uma única cidade do Brasil, não se constituindo em parâmetro equitativo mesmo dentro da lógica meritocrática.

Parcerias e as fronteiras entre o público e o privado

Nesta seção, abordaremos mais detalhadamente como o fenômeno das parcerias público-privadas aparece difundido nas produções veiculadas no âmbito do Movimento Santa Catarina pela Educação. Uma teia de relações em que, de acordo com Peroni (2015), o privado e o público se embaraçam e suas respectivas características vão sendo obscurecidas sistematicamente e gradativamente. No campo da educação, tal mecanismo cada vez mais ganha corpo na disputa pelos recursos financeiros públicos.

Em 2014, quase metade dos trabalhadores formais da indústria não possuíam a educação básica completa, o que, segundo a federação industrial catarinense, exigiria esforço e articulação entre a esfera pública e a iniciativa privada no aumento da escolarização dos trabalhadores. (FIESC, 2015b). A partir desse entendimento, Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna, considera o MSCE importante porque segue a lógica de “colaboração” entre os setores público e privado, o que, em sua visão, seria o caminho da “responsabilidade partilhada” em relação aos desafios que o país enfrenta para superar a atuação apenas governamental. Segundo ela, governamental não encerra o público, sendo apenas uma parte. Nessa acepção, os problemas da educação não deveriam sobrecarregar os governos. Seria uma questão

1 Disponível em: <https://siipe.fundacionexe.org.co/>

pública a ser resolvida por toda população, envolvendo empresas, sociedade e governo em um esforço conjunto para superar os desafios da educação. (OS FRUTOS..., 2018).

Na mesma linha, Glauco José Côrte afirma que a educação não seria uma obrigação apenas do governo, do setor público, mas da sociedade como um todo, o que teria alavancado o MSCE a trabalhar fortemente na mobilização da sociedade catarinense para melhorar o desempenho da educação. (MOVIMENTO..., 2017b). Sobre a questão, Antônio José Carradore, assessor do movimento, sustenta que o segmento público precisa unir esforços com o setor privado, com ambos atuando para melhorar os resultados da educação catarinense. (MOVIMENTO..., 2017c).

No que se refere à participação do poder público nessa empreitada, Eduardo Deschamps, ex-secretário de educação de Santa Catarina, alega em entrevista concedida ao programa “Conversas Cruzadas” que o MSCE é uma iniciativa de mobilização e, nesse aspecto, o governode Santa Catarina apoia e participa sempre, inclusive colocando “[...] toda a estrutura das suas escolas, da sua rede, os seus profissionais da educação, seus gestores à disposição para que a gente possa fazer ações como, por exemplo, o dia da família na escola”. (MOVIMENTO..., 2016a).

Vale reiterar que, com o intuito de expor os resultados do MSCE e apresentar como teriaconseguido aliar o poder público e o setor privado na causa da educação catarinense, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) convidou a FIESC para um evento em Washington. (MOVIMENTO SC....., 2017a). Na ocasião, o sindicato patronal das indústrias argumentou que “[...] a adesão do Governo do Estado de Santa Catarina é um marco. A presençado governador Raimundo Colombo no ato de lançamento do Movimento simbolizou a aliança entre o poder público e o setor privado para a elevação da escolaridade e melhoria da qualidade educacional”. (FIESC, 2018a).

Segundo o BID, o movimento seria um dos empreendimentos que mais avançaram no continente americano em relação à formação de parcerias público-privadas na educação. Os representantes do organismo internacional se entusiasmaram com a metodologia empregada para o engajamento das pessoas, das

empresas e o alcance de objetivos estratégicos. A esse respeito, a federação industrial catarinense alega que o ramo empresarial tomou a liderança, assumindo que educação não é responsabilidade exclusiva do Estado. As empresas são ouvidas pelo poder público nas demandas educacionais, o que acaba direcionando as políticas da área. (FIESC, 2018a).

De acordo com Côrte (2018b, p. 80) “[...] o movimento conta, também, com parceiros que se empenham nesta causa, como o Todos pela Educação, a Fundação Victor Civita, representantes dos trabalhadores, o Instituto Ayrton Senna e a HAMK – Universidade de Ciências Aplicadas da Finlândia”. Como educação seria a prioridade número 1 do poder público e do setor privado, o MSCE seria uma espécie de semente plantada para intensificar a adaptação de trabalhadores e empresas à economia do século 21. Empresas e Estado, desse modo, devem estar lado a lado a caminho do crescimento e da expansão competitiva. (FIESC, 2014a, 2018a).

Dentre as principais instituições que se unem ao MSCE, destacamos, Côrte (2018a) cita o Instituto Ayrton Senna, o BID, a Secretaria de Educação de Santa Catarina e o *Google for Education*. No que se refere ao *Google for Education*, Pimentel (2015), ex-líder responsável pelos produtos da empresa na América Latina, afirmou, durante fórum internacional promovido pelo MSCE, que as principais estratégias e ferramentas difundidas para a educação contemplavam quatro principais eixos naquela ocasião: Produtividade e Comunicação, Dispositivos, Sala de aula e Conteúdo digital (distribuição de plataformas).

Na mesma perspectiva de parcerias público-privadas empreendidas com o Todos Pela Educação e *Google for Education*, o MSCE também se aproxima internacionalmente da fundação chilena *Empresarios Por La Educación*, que também busca gerar um modelo de vínculo permanente entre as instituições de ensino e as empresas. (CHILE, 2016; MEZA, 2016). A exemplo do que ocorre no Brasil, o movimento do Chile se apresenta como um chamamento a agir prático. Além disso, propõe o alinhamento de metas comuns entre o setor empresarial, as instituições de ensino e o poder público, promovendo ações táticas para estimular a educação demandada pelo mercado de trabalho. (CNI, 2013).

Como observamos nesta seção, as relações entre o público e o privado na educação possuem muitas facetas e configurações, sendo empreendidas por sujeitos (individuais e coletivos) cada vez mais articulados em redes locais e/ou globais com diferentes níveis de influência e abrangência. Elas representam universos distintos como, por exemplo, o financeiro, os organismos internacionais e governos. Algumas organizações almejam fins lucrativos; outras não, mas ambas colocam em movimento seus projetos setoriais. A esse respeito, Peroni (2015) assevera que “[...] a relação entre o público e o privado na direção e execução da educação é um processo de correlação de forças, que não ocorre por acaso e que está cada vez mais dando direção para a política pública”. (p. 30-31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a este momento de síntese investigativa tendo em mente o avanço percorrido sobre o estágio de conhecimento anterior em relação à apreensão do Movimento Santa Catarina pela Educação (MSCE). Nesse processo, evidenciamos determinantes estruturais importantes, mas também deixamos questões pendentes, em aberto. Problematizamos os argumentos recorrentes do setor empresarial sobre a falta de “mão de obra” para inserir Santa Catarina em um mercado econômico global efêmero e altamente competitivo. Com esse horizonte, as associações empresariais vêm exigindo medidas urgentes na política educacional. Seus intelectuais orgânicos propagam a ideia de que a principal barreira a ser vencida para aumentara competitividade das empresas seria a baixa qualidade da educação. Logo, os holofotes do segmento se direcionam para mudanças e propostas que, sob o viés neoliberal, seriam capazes de melhorar a escola e a formação educacional.

A pesquisa documental construída trouxe à tona os principais determinantes socioeconômicos que perpassam o Movimento Santa Catarina pela Educação. Nesse contexto, emergiram categorias analíticas estruturantes que foram agrupadas de acordo com suas características mais marcantes.

Ao enfatizar que a educação estaria muito distante do setor produtivo, o MSCE prioriza a formação técnica. A Educação 4.0 (em analogia à 4ª revolução tecnológica)

aparece como expressão emblemática para adequar a educação aos novos parâmetros civilizatórios. Com esse viés, observamos que a participação do jovem é pensada estrategicamente para disseminar as mudanças educacionais pretendidas pelas organizações empresariais de Santa Catarina, especialmente a partir dos parâmetros de inovação tecnológica demandados pelos setores econômicos. A inspiração para as transformações, nesse caso, vem importada de países como Singapura, por exemplo, em função do bom desempenho nas avaliações da OCDE. As “perdas” empresariais em termos de competitividade e produtividade no cenário internacional seriam resolvidas com a inserção no universo *Big Data*, da hiper conexão, da internet das coisas. Sob esse viés, seria urgente forjar os profissionais para o novo contexto que se avizinha, isto é, uma educação 4.0 para uma indústria 4.0.

Nesse contexto, competitividade empresarial e educação andam de mãos dadas. No horizonte está a demanda economicista que quer extrair da educação a resolução de problemas de ordem econômico-social. A finalidade da educação apregoada pelo MSCE vai ao encontro da retórica neoliberal associada a uma narrativa redentora, cenário em que a escola aparece como espaço apolítico que deve seguir a cartilha das melhores soluções pedagógicas da moda.

Diante desse cenário, fica explícito que os estudantes da atualidade que se preparam para o mundo do trabalho são impulsionados a ir além, extrapolar e avançar progressivamente para o horizonte da mudança. É o caminho do efêmero, volátil, que não gera vínculo e durabilidade. Nesse sentido, mais do que nunca se faz necessário refletir sobre as tendências socioeconômicas como as apresentadas no âmbito do MSCE, pois elas se inserem em um cenário de crise que acaba refletindo em todo o tecido social, manifestando-se nas condições de escolarização nas diferentes faixas geracionais.

REFERÊNCIAS

ABRHSC. **Educação e competitividade no mundo do trabalho: desafios e oportunidades.**[Florianópolis], [2015]. 58 slides, color. Workshop EducaRH. Disponível em:

http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo26_1.pdf . Acesso em: 25 jun. 2020.

ALVES, Giovanni; GONÇALVES, Luís Henrique do Nascimento; CASULO, Ana Celeste. Democratização e Tecnocapitalismo: O Brasil na Era Neoliberal. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 21, n.45, p. 24 - 49, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724621452020024> . Acesso em 06 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRANCO, Roberto Castello. **Os desafios da economia brasileira**. Florianópolis, 2015. 24slides, color. III Seminário Internacional de Educação - Apresentação. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo31_1.pdf . Acesso em: 21 ago. 2020.

CARRADORE, Antônio José. **Movimento Santa Catarina pela Educação**. Blumenau, 2018. 26 slides, color. Apresentação. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo160_1.pdf . Acesso em: 21 ago. 2020.

CHAUI, Marilena de Souza. **A ideologia da competência**. 1. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2014.

CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHILE (org.). **Educación 2020**. [Florianópolis], 2016. 42 slides, color. IV Seminário Internacional de Educação - 20 de outubro de 2016. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo79_1.pdf . Acesso em: 20 ago. 2020.

CNI. **Educação para o mundo do trabalho**: documento conceitual. Brasília: CNI, 2013. 49 p. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/78/30/78307dfc-d018-406e-81d6-6329335f58df/20131217145833350061a.pdf . Acesso em: 26 nov. 2020.

CÔRTE, Glauco José. **Reflexões para a educação que o Brasil precisa**. Florianópolis: DoisPor Quatro, 2018b.

CÔRTE, Glauco José. **As novas perspectivas para o mundo do trabalho**. [Florianópolis],[2018a]. 21 slides, color. Apresentação. Disponível em:

http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo159_1.pdf . Acesso em: 02 ago. 2020.

FIESC. Avaliação de Impactos do Movimento A Indústria pela Educação nas Indústrias Signatárias. Relatório de Pesquisa: Resumo Executivo. Florianópolis: Fiesc, 2015a.

FIESC. Câmara Regional de Educação: ações previstas para o horizonte 2016-2017. Florianópolis: FIESC, 2015b.

FIESC. Movimento Santa Catarina pela educação: relatório anual 2013. Florianópolis: FIESC, [2014b].

FIESC. Movimento Santa Catarina pela educação: relatório anual 2017. Florianópolis: FIESC, [2018b].

FIESC. Movimento Santa Catarina pela Educação: Relatório Anual 2018. Florianópolis: FIESC, [2019]. Disponível em: https://issuu.com/fiescpublicacoes/docs/rel_2018_movimento_final_1 . Acesso em 07 abr. 2021.

FIESC. Educação como fator-chave para competitividade: percepção das empresas catarinenses. 2. ed. Florianópolis: Fiesc, 2017b. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo111_1.pdf . Acesso em: 26 nov. 2020.

FIESC. Gestão democrática da educação: da base legal à prática na escola. Florianópolis: Fiesc, 2017e. 146 p. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo115_1.pdf . Acesso em: 26 nov. 2020.

FIESC. Movimento Santa Catarina pela Educação: mobilização, articulação, influência - por uma agenda comum pela educação para o mundo do trabalho. Florianópolis: Fiesc, 2018a. 132 p. Disponível em: http://www.santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo161_1.pdf . Acesso em: 26 nov. 2020.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo:** teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação:** nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GOOGLE e FIESC firmam termo de cooperação em educação. Florianópolis: Band SC, 2015. Color. Reportagem. Programa Olhares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BHw7QcpNiL8&t=2s> . Acesso em: 25 nov. 2020.

HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**: Marx e o capital no século XXI. - 1. ed. -São Paulo: Boitempo, 2018.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KYLLÖNEN, Marjo. **The Future School**: how to prepare our children with 21st century competencies? Helsinki, 2017. 30 slides, color. V Seminário Internacional de Educação - Finlândia. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo130_1.pdf .Acesso em: 20 jul. 2020.

MATTILA, Pasi; SILANDER, Pasi (ed.). **How to creat the school of the future**: revolutionary thinking and design from finland. Helsink: Silc, 2015. 137 p. Disponível em:

MEZA, M. Carolina. **Una invitación a volar juntos**. [Florianópolis], 2016. 41 slides, color. Apresentação da Colômbia no IV Seminário Internacional de Educação, 2016. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo80_1.pdf . Acesso em: 20 ago. 2020.

MOVIMENTO Santa Catarina pela Educação apresenta cases de sucesso. 2017a. Color. Vídeo publicitário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-jgc74a0Pt4&list=LL&index=32> . Acesso em: 24 nov. 2020.

MOVIMENTO Santa Catarina pela Educação já conta com 34 escolas beneficiadas. Florianópolis: Record News, 2017b. Color. Entrevista Programa Educação e Cidadania News. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=heuV_tiXIAU&list=LL&index=36&t=131s . Acesso em: 24 nov. 2020.

MOVIMENTO SC Educação. 2017a. Color. Vídeo publicitário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2yXvRLfBE4Y&list=LL&index=29> . Acesso em: 24 nov. 2020.

MOVIMENTO SC pela Educação chega aos EUA. [Florianópolis]: Record News, 2018. Color. Entrevista Programa Educação e Cidadania News. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IVwfJj8RjiQ&list=LL&index=60> . Acesso em: 25 nov.2020.

MOVIMENTO SC pela Educação debate ensino médio integral. Florianópolis: Band SC,2017b. Color. Reportagem. Programa Band Cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IH-9r3IMOoc> . Acesso em: 25 nov. 2020.

NETTO, José Paulo. **O método em Marx**: dialética do concreto. PPGSS/UFPE, 2002.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OoyqbVF7JmI>. Acesso em 29 maio 2018.

O QUE muda com a Indústria 4.0. 2018. Color. Programa JT na TV. Entrevista Jefferson deOliveira Gomes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tSbjtXHt7rM&list=LL&index=42> . Acesso em: 25 nov.2020.

OLIVEIRA, Ramon de. Os sentidos do ensino médio na formação da juventude trabalhadora. **38ª Reunião Nacional ANPEd**. GT 09, 2017. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38a_nped_2017_GT09_294.pdf . Acesso em: 03 jul. 2019.

OS FRUTOS do Movimento Santa Catarina pela Educação. [Florianópolis]: Fiesc, 2018. Color. Vídeo publicitário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hZcisEu_wlA&list=LL&index=43 . Acesso em: 25 nov.2020.

PASTORE, José. **Educação, chave da competitividade**. Florianópolis, 2018. 20 slides, color. Workshop Movimento SC pela Educação - Palestra José Pastore. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo164_1.pdf .Acesso em: 11 abr. 2020.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. **O ensino médio na educação brasileira e as relações entre o público e o privado**: o projeto Jovem de Futuro do instituto Unibanco. Revista Latinoamericana de Políticas y Administración de la Educación, v. 4, p. 66-77, 2016.

PIMENTEL, Rodrigo. **Google**. Florianópolis, 2015. 27 slides, color. III Seminário Internacional de Educação - apresentação Brasil - Google. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo32_1.pdf .Acesso em: 20 ago. 2020.

QUAIS são os desafios da educação para o século 21. Florianópolis: Record News, 2018. Color. Programa Estado de Excelência. Reportagem. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=N8J1-_94oC0&list=LL&index=44 . Acesso em: 25 nov.2020.

RAMOS, Mozart Neves. **A educação integral e a BNCC no contexto da reforma do ensino médio**: os desafios da educação para o novo mundo do trabalho. [Florianópolis], [2018]. 32 slides, color. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo157_1.pdf . Acesso em: 21 ago. 2020.

RAMOS, Mozart Neves. **Educação, competitividade e desenvolvimento humano**. [Florianópolis], [2013]. 37 slides, color. Disponível em: <http://santacatarinapelaeducacao.com.br/comunicacao-e-midia.html> . Acesso em: 20 ago.2020.

RAMOS, Mozart Neves. **Profissionalização da Gestão na Educação**. [São Bento do Sul],2016. Color. Seminário Diálogos sobre gestão da educação - Palestra. Disponível em: http://santacatarinapelaeducacao.com.br/fmanager/senaimov/arquivos/arquivo38_1.pdf . Acesso em: 20 ago. 2020.

SEEMANN, Vânio Cesar. **O que significa mais tempo na escola?** Sobre as políticas de jornada em tempo integral nos microcontextos das redes municipais de ensino. Dissertação. PPGE/UDESC, Florianópolis, 2016. 313 p. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/02_01_2017_14.39.50.455223a4302d247b06fb526e99157cfd.pdf . Acesso em 23 dez. 2020.

SILVA, Márcio Magalhães da. **A formação de competências socioemocionais como estratégia para captura da subjetividade da classe trabalhadora**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Unesp. Araraquara, 2018.